

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

*PROPOSTA
DIDÁTICO-METODOLÓGICA*



LEITURA DE NARRATIVAS MÍTICAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA PARA FINS
DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA PARA O 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL



ERASMO MARINHO LESSA

RIO BRANCO

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ERASMO MARINHO LESSA

**LEITURA DE NARRATIVAS MÍTICAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA PARA FINS
DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA PARA O 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Orientação: Prof. Dr. João Carlos de Souza
Ribeiro

RIO BRANCO

2024

LISTA DE QUADROS

QUADROS

Quadro 1	Ficha de Identificação Didática.....	8
Quadro 2	1ª Etapa – Motivação.....	12
Quadro 3	2ª Etapa – Introdução.....	16
Quadro 4	3ª Etapa – Leitura.....	18
Quadro 5	4ª Etapa – Interpretação.....	20
Quadro 6	5ª Etapa – Sarau Literário de Narrativas Míticas Amazônicas.....	24

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	4
1	PROPOSTA DIDÁTICO-METODOLÓGICA.....	6
2	FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DIDÁTICA.....	8
3	I ETAPA – A MOTIVAÇÃO.....	12
4	II ETAPA – INTRODUÇÃO.....	16
5	III ETAPA - LEITURA.....	18
6	IV ETAPA - INTERPRETAÇÃO.....	20
7	V ETAPA - SARAU LITERÁRIO DE NARRATIVAS MÍTICAS AMAZÔNICAS.....	24
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	27
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO – ALUNOS DO 9º ANO	29
	ANEXO 1 – TEXTO NARRATIVO	31
	ANEXO 2 – MITOS E LENDAS	33
	ANEXO 3 – BIOGRAFIA DE A. S. FRANCHINE	35
	ANEXO 4 – A LENDA DO BOTO-COR-DE-ROSA	36
	ANEXO 5 – OS TICUNA: O POVO DO ALTO RIO SOLIMÕES	37
	ANEXO 6 – O MITO INDÍGENA DO SOL	42

APRESENTAÇÃO

Esta Proposta Didático-metodológica é o produto final do projeto de pesquisa *Leitura de narrativas míticas da Amazônia brasileira para fins do letramento literário: uma proposta para o 9º ano do ensino fundamental*. Ela foi desenvolvida no ano de 2023, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Acre (PROFLETRAS - UFAC), sob a orientação do Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro.

Ela é fruto de constantes reflexões e inquietações que os professores de Língua Portuguesa enfrentam no seu dia a dia, na sala de aula, para promover a leitura literária e o letramento literário dos alunos. A proposta traz à tona a necessidade de se fazer uma nova abordagem sobre as práticas de leituras desenvolvidas no Ensino Fundamental II, especialmente da leitura literária.

O objetivo maior desta proposta é promover a competência leitora e o letramento literário dos alunos, por meio da leitura de textos literários que pertencem às narrativas míticas da Amazônia brasileira, tendo como *corpus* os gêneros mitos e lendas. As atividades serão desenvolvidas a partir da leitura e interpretação da lenda do Boto-cor-de-rosa, do livro *As 100 melhores lendas do folclore brasileiro*, de A. S. Franchini (2012), e do Mito Indígena do Sol, do livro *Mitos e lendas do Brasil* (2007), do Programa de Ensino e Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG. A partir desse *corpus*, foram desenvolvidas diversas atividades promotoras do letramento literário, tendo como instrumento mediador a leitura literária.

Os textos literários amazônicos míticos, principalmente os mitos e as lendas, embora não sejam objetos de estudos, reflexões e práticas constantes de leitura nas aulas de leitura e literatura, estão presentes nos PCN (Brasil, 1997), BNCC (Brasil, 2018) e outros documentos oficiais. Eles constituem-se em poderosos caminhos para que os alunos também possam acessar os ricos acervos de conhecimentos, valores, ritos, danças, costumes e culinária presentes nessa rica e vasta região do Brasil.

A escolha das narrativas míticas da Amazônia brasileira foi determinada porque elas apresentam fortes relações com o ambiente familiar, a formação cultural e identitária dos alunos e de seus familiares. Também permitem aguçar a criatividade, a investigação, a compreensão dos valores que permeiam a cultura regional, além de terem o reconhecido fascínio provocado pelo viés fantástico em suas composições. As lendas e os mitos da Amazônia brasileira podem reconstruir pontes que ligam os

alunos a sua identidade cultural e tornar possível o letramento literário deles, mediante práticas de ensino da leitura literária.

Essa Proposta Didático-metodológica é relevante, pois o problema com as práticas de leituras é grave. Ela poderá ser aplicada em sala de aula para ajudar a melhorar essa situação. Essa atividade foi pensada e estruturada para possibilitar a fomentação de procedimentos pedagógicos que tenham o potencial para melhorar o trabalho docente, ampliar nos alunos os conhecimentos gerais da língua e promover o desenvolvimento de suas habilidades de leitura literária e letramento literário.

Para alicerçar as atividades de compreensão leitora presentes nesta Proposta Didático-metodológica, são utilizadas as estratégias de leitura literária estruturadas por Cosson (2016). Em seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2016), o autor apresenta a sequência didática básica para o trabalho com a leitura literária no ambiente escolar, visando desenvolver o letramento literário. De acordo com Ele, a sequência didática básica deve seguir quatro etapas, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação. Cada uma dessas etapas é constituída de momentos nos quais serão desenvolvidas as atividades propostas. A ela é acrescentada uma quinta etapa, um sarau literário de narrativas míticas amazônicas, uma atividade extra para valorizar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e a comunidade escolar.

As imagens que fazem parte da capa deste trabalho pertencem ao site <http://www.guiadosquadrinhos.com> e constam nas referências.

1 PROPOSTA DIDÁTICO-METODOLÓGICA

Esta Proposta Didático-metodológica tem por objetivo levar os alunos a desenvolverem sua competência leitora e seu letramento literário. Essa busca é feita a partir da leitura de textos literários que pertencem às narrativas míticas da Amazônia brasileira, tendo como *corpus* os gêneros mitos e lendas. A base dessa proposta está na lenda do Boto-cor-de-rosa e do Mito Indígena do Sol.

De acordo com Cosson, em seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2016), a sequência didática básica é constituída de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A **motivação** é a primeira etapa dessa atividade com foco nas práticas de leitura literária e no letramento literário e constitui-se da apresentação coletiva do tema e sua delimitação. Esse tema deve ser acordado com a maioria dos alunos, uma vez que precisam compreender que ele é significativo para avanços nas suas práticas de leitura literária e para seu letramento literário. O tema deve ser levado aos alunos e será feito um processo de mobilização, de modo que ele possa ser aceito naturalmente nas conversas com a turma, sem nenhuma imposição por parte do professor. Além da apresentação da proposta, será feita a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, com a apresentação do desenho animado *o Boto* e dos filmes *ELE, o Boto* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*.

A **introdução** é a segunda etapa. Uma das atividades será a aplicação de um questionário investigativo para os alunos do 9º ano. Ele tem o objetivo de colher informações importantes sobre as práticas leitoras desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa e sobre a tipologia narrativa. As perguntas versam sobre as práticas de leituras realizadas dentro e fora da sala de aula, sobre gêneros narrativos, mitos e lendas que conhecem. Buscam descobrir se eles gostariam de ler e realizar as atividades inerentes à prática leitora desses gêneros textuais. Visam ainda perceber se os alunos estão realmente interessados na leitura dos gêneros mitos e lendas. Na sequência, será promovido o estudo da tipologia narrativa, gêneros mito e lenda e apresentação dos textos e seus autores.

A **leitura** é a terceira etapa. Nesse momento, as atividades práticas de leituras acontecerão dentro da sala de aula, no componente curricular de Língua Portuguesa, com a motivação prévia. Serão disponibilizados aos alunos os materiais que falem sobre a tipologia narrativa e sobre os gêneros mitos e lendas. Neste momento, será

utilizada a técnica de leitura compartilhada desses textos, na qual a responsabilidade pela compreensão do texto deixa de ser papel exclusivo do professor; nela, professor e aluno, ora um, ora outro, tornam-se responsáveis pelo processo.

A **interpretação** é a quarta etapa. A realização das atividades de leitura, interpretação e compreensão textuais dessa proposta de intervenção será feita, prioritariamente, na sala de aula e envolverá a lenda do Boto-cor-de-rosa, do livro *As 100 melhores lendas do folclore brasileiro* (2012), de A. S. Franchini, e do Mito Indígena do Sol, do livro *Mitos e lendas do Brasil* (2007), do Programa de Ensino e Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG, mas poderá também acontecer em espaços alternativos como a biblioteca, pátios e auditório da escola.

O **sarau literário** é a quinta etapa. Por fim, será realizada a culminância das atividades de práticas de leitura e letramento literário dos alunos por meio de um sarau literário de narrativas míticas amazônicas. Ele será realizado pelos estudantes para os demais alunos da escola, pais, professores, servidores, equipe gestora. Esse sarau literário será registrado em arquivos fotográficos, filmagens e serão colhidas as assinaturas dos presentes ao evento.

Esta última parte da Proposta Didático-metodológica não faz parte da sequência didática básica de Cosson (2016), mas é importante para o engajamento dos alunos nas realizações das atividades e para o compartilhamento dos resultados das ações desenvolvidas com a comunidade.

Na abertura das ações didático-metodológicas, será apresentada a ficha de identificação didática (Quadro 1 – Ficha de Identificação Didática, pág. 8) dessa proposta.

2 FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DIDÁTICA

Quadro 1 – Ficha de Identificação Didática

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DIDÁTICA	
Título da Proposta Didático-metodológica:	LEITURA DE NARRATIVAS MÍTICAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA PARA FINS DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA PARA O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
Aplicação:	Etapas e momentos
Público-alvo:	Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II
Gênero Textual:	Lenda e Mito
Título dos Textos e Autor:	A lenda do Boto-cor-de-rosa, do livro <i>As 100 melhores lendas do folclore brasileiro</i> , (2012) de A. S. Franchini, e O Mito Indígena do Sol, do livro <i>Mitos e lendas do Brasil</i> (2007), do Programa de Ensino e Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG.
Carga Horária:	26 horas aulas de 60 minutos - (1.560 min.).
Componente Curricular:	Língua Portuguesa
Estratégias:	<ol style="list-style-type: none"> 1. A exibição do vídeo <i>O Boto - Série Juro que vi</i> (2012) (11m27s); 2. Conversa mediada pelo professor sobre o vídeo; 3. Exibição do filme <i>Ele, o boto</i> (1987) (1h 46m 06s); 4. Exibição do filme <i>Percy Jackson e o ladrão de raios</i> (2010) (1h 59m); 5. Leitura em voz alta, compartilhada e individualizada da lenda do Boto-cor-de-rosa; 6. Atividade de interpretação e compreensão textual da lenda do Boto-cor-de-rosa; 7. Leitura em voz alta, compartilhada e individualizada do Mito Indígena do Sol; 8. Atividade de interpretação e compreensão textual do Mito Indígena do Sol.

<p>Habilidades BNCC:</p>	<p>(EF89LP33A) Ler, de forma autônoma, textos de gêneros variados.</p> <p>(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação, indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais.</p> <p>(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.</p> <p>(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes [...] lendas brasileiras, [...] dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.</p>
<p>Habilidades da Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb: Temas e seus Descritores 9º ano do Ensino Fundamental II</p>	<p>I. Procedimentos de Leitura</p> <p>D1 – Localizar informações explícitas em um texto.</p> <p>D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.</p> <p>D4 – Inferir uma informação implícita em um texto.</p> <p>D6 – Identificar o tema de um texto.</p> <p>II. Implicações do Suporte, do Gênero e/ou do Enunciador na Compreensão do Texto</p> <p>D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.</p> <p>IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto</p>

	<p>D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.</p> <p>D9 – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.</p> <p>D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.</p> <p>V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido</p> <p>D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.</p> <p>VI. Variação Linguística</p> <p>D13 – Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.</p>
<p>Habilidades complementares:</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Realizar de inferências antes, durante e após os estudos da lenda; 2. Identificar os principais elementos que constituem a tipologia narrativa; 3. Compreender as principais características de uma narrativa; 4. Internalizar os elementos que constituem o gênero mito e lenda; 5. Ampliar a capacidade leitora; 6. Ler o texto sobre a lenda do Boto-cor-de-rosa; 7. Interpretar e compreender o texto sobre a lenda do Boto-cor-de-rosa; 8. Ler o texto sobre o Mito Indígena do Sol; 7. Interpretar e compreender o texto sobre o mito indígena do sol.
<p>Objetos de Conhecimento:</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tipologia narrativa; 2. Gêneros textuais: lenda e mito; 3. A lenda do Boto-cor-de-rosa; 4. O Mito Indígena do Sol.

Avaliação:	A avaliação será realizada continuamente através de registros feitos pelo professor, da resolução das atividades escritas feitas pelos alunos, do rendimento alcançado pelos alunos e pelo protagonismo deles em todas as etapas das atividades propostas.
Ferramentas TIDC's:	Sites: Google e YouTube.
Materiais:	<p>Dicionários;</p> <p>Quadro branco;</p> <p>Pincéis;</p> <p>Data Show;</p> <p>Textos impressos;</p> <p>Atividade avaliativa impressa;</p> <p>O Desenho animado <i>O Boto</i>” - <i>Série Juro que vi</i> (2012), com duração de 11min27s;</p> <p>O filme <i>ELE, o boto</i> (1987), com duração de 1h46min06;</p> <p>O filme <i>Percy Jackson e o ladrão de raios</i> (2010), com duração de 1h 59min.</p>
Aporte teórico:	Rildo Cosson (2016)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

3 | ETAPA – MOTIVAÇÃO

A motivação é o núcleo de preparação do aluno para entrar no texto (encontro do leitor e obra sem silenciá-los). “A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais da construção da motivação” (Cosson 2016, p. 55).

Quadro 2 – 1ª ETAPA – MOTIVAÇÃO

1ª ETAPA - MOTIVAÇÃO		
Carga horária: [420] min.		
Objetivo da atividade: Motivar os alunos a participarem ativamente de todas as atividades que compõem cada etapa e momentos da proposta didático-metodológica.		
1º MOMENTO:	Carga horária [20] min	Apresentação da proposta.
Nesse momento, o professor fará a apresentação da proposta, como serão desenvolvidas as atividades e esclarecerá todas as dúvidas que surgirem por parte dos alunos.		
2º MOMENTO:	Carga horária [30] min	Ativação dos conhecimentos prévios.
De forma oral, o professor fará algumas perguntas para os alunos com objetivo de ativar e testar os conhecimentos prévios que eles possuem sobre os elementos que compõem a tipologia narrativa, sobre os gêneros textuais lenda e mito e sobre a lenda do Boto-cor-de-rosa e o Mito indígena do sol. O professor utilizará o roteiro “ Ativação de conhecimentos Prévios ” com as perguntas que fará aos alunos. Após cada pergunta, o professor ficará atento as respostas dadas pelos alunos e fará as observações e registros necessários. O professor promoverá a participação ativa dos alunos. No final da atividade, o professor fará as observações gerais sobre as respostas dadas pelos estudantes.		
ATIVAÇÃO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS		
Aluno:		
1. Para vocês o que são textos narrativos?		
Obs:		

2. O que é necessário para um texto ser considerado narrativo? Obs:		
3. A lenda e o mito são narrativas? Obs:		
4. O que é uma lenda? Obs:		
5. O que é um mito? Obs:		
6. Quais lendas e mitos vocês conhecem? Obs:		
7. Quem conta ou contou lendas e mitos para vocês? Obs:		
8. Vocês conhecem a lenda do Boto-cor-de-rosa e o Mito Indígena do Sol? Obs:		
9. Vocês gostariam de conhecer melhor a lenda do Boto-cor-de-rosa e o Mito Indígena do Sol? Obs:		
10. Vocês desejariam conhecer melhor a lenda do Boto-cor-de-rosa e o Mito indígena do sol por meio de textos escritos? Obs:		
11. Observações gerais:		
3º MOMENTO:	Carga horária [40] min	Apresentação do desenho animado O BOTO.
<p>O professor fará a projeção do desenho animando O BOTO. Direção: Humberto Avelar. Produção Multirio. 2012 (11m27s). Série “Juro que vi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3v2ZXWF8poo>. Acesso em: 02 mai. 2022. Depois da projeção do vídeo, o professor promoverá uma rápida reflexão oral, focando nos elementos constituintes da narrativa, nas características da narrativa do gênero lenda presentes no desenho animado. Depois, o professor fará a entrega do material impresso aos estudantes e a mediação da atividade escrita através do roteiro “Reflexão Escrita – Desenho Animado O Boto”. Os alunos farão suas reflexões por escrito, seguindo as perguntas formuladas pelo professor.</p>		
REFLEXÃO ESCRITA – DESENHO ANIMADO O BOTO		

Aluno:		
1. O que o título do desenho sugere a você?		
2. Pelo título dá para imaginar que se trata de uma lenda?		
3. O que você entende por lenda?		
4. A história desse desenho animado é uma lenda? Por quê?		
5. Você acredita que essa animação seja uma lenda da Amazônia? Por que você pensa assim?		
6. Você acredita nessa história? A que você atribui sua resposta?		
7. Você já viu um boto-cor-de-rosa?		
8. Você gostou desse desenho animado? Justique sua resposta.		
4º MOMENTO:	Carga horária [150] min	Apresentação do filme ELE, o boto. (sessão de cinema)
<p>O professor fará uma sessão de cinema com os alunos no auditório da escola e projetará o filme ELE, o boto. Direção: Walter Lima Jr. Produção de Luiz Carlos Barreto e Flávio Ramos Tambelline. Lucy Barreto, Transvideo. 1987. (1h 46m 06s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U66uFZ4KpO0>. Acesso em: 2 mai. de 2022. Após essa etapa, o professor promoverá uma conversa breve sobre o filme, formulando perguntas e permitindo o protagonismo dos alunos na exposição de suas respostas. Na sequência, o professor distribuirá o roteiro 'Reflexão Escrita – Filme, ELE, o boto' e os alunos, com a orientação do professor, farão suas reflexões escritas, seguindo as perguntas formuladas pelo docente.</p>		
REFLEXÃO ESCRITA – FILME ELE, o boto		
Aluno:		
1. Quais foram as impressões causadas pelo filme em você?		
2. O que você achou da escolha do gênero lenda para produção desse filme?		
3. Quais traços semelhantes há entre o boto da animação e o boto do filme?		
4. Qual a semelhança entre a história do casal que está na animação e a do casal que está no filme?		
5. Quais as principais diferenças que você conseguiu perceber entre a animação e o filme?		
6. O que mais chamou sua atenção no desenho animado e no filme?		
7. Você acredita que há amor entre os casais do desenho animado e do filme?		

5º MOMENTO:	Carga horária [180] min	Apresentação do filme Percy Jackson e o ladrão de raios (sessão de cinema)
<p>O professor fará uma sessão de cinema com os alunos no auditório da escola e projetará o filme sobre a vida do adolescente Percy Jackson, que está sempre pronto para entrar em uma confusão. Ela torna-se bem mais complicada quando ele descobre que é filho do deus grego Poseidon. Em um campo de treinamento para filhos das divindades, Percy aprende a tirar proveito de seus poderes divinos e se prepara para a maior aventura de sua vida. O filme é de 2010, tem a duração de 1h 59min e foi lançado no Brasil em 12 de fevereiro de 2010. A direção é de Chris Columbus e foi produzido pela Fox. Esse filme deverá ser baixado pelo professor. Ele está disponível em: https://play.google.com/store/movies/details/Percy Jackson e o Ladrão de Raios Dublado?id=HgdaPLd36Pw&hl=pt_BR&gl=US Acesso: 02 mai. 2022. Após essa etapa, o professor promoverá uma conversa breve sobre o filme, formulando perguntas e permitindo o protagonismo dos alunos na exposição de suas respostas. Na sequência, o professor distribuirá o roteiro “Reflexão Escrita – Filme, Percy Jackson e o ladrão de raios” e os alunos, com a orientação do professor, farão suas reflexões escritas seguindo as perguntas formuladas pelo docente.</p>		
REFLEXÃO ESCRITA – FILME PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS		
Aluno:		
1. Você gostou do filme? Por quê?		
2. O que você achou da escolha do gênero mito para produção desse filme?		
3. Como vivia Percy Jackson antes de saber quem realmente era?		
4. Quem era o seu amigo de todas as horas?		
5. Por que todos se preocupavam com Percy Jackson?		
6. Na mitologia grega, como era chamado um filho nascido de um deus do Olimpo com um ser humano?		
7. Quem era o pai de Percy Jackson e que poderes ele herdou de seu pai?		
10. Por que Percy Jackson tornou-se o ladrão de raios?		
11. Faça um breve resumo da parte final do filme.		

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

4 II ETAPA – INTRODUÇÃO

A introdução é o momento de apresentação do autor e da obra. No entanto, essa biografia deve ser breve, pois entre outros contextos ela é uma das que acompanham o texto. “No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto” (COSSON, 2016, p. 60).

Quadro 3 – 2ª ETAPA - INTRODUÇÃO

2ª ETAPA - INTRODUÇÃO		
Carga horária: [120] min.		
Objetivo da atividade: Apresentar e estudar a tipologia narrativa, o gênero lenda e mito e apresentar os autores e as obras (livros e textos).		
1º MOMENTO:	Carga horária [40] min	Apresentação sobre a tipologia narrativa, o gênero lenda e mito, os autores e as obras a serem trabalhadas.
<p>O professor fará uma explanação oral sucinta sobre a tipologia narrativa e os gêneros textuais lenda e mito e sobre os autores. A base serão os textos dos (Anexo 3 – Biografia de A. S. Frenchini, pág. 35), (Anexo 5 – Os ticuna: o povo do alto rio Solimões, pág. 37) e as obras que contêm os textos e serão trabalhadas ao longo das atividades. Elas são: <i>As 100 melhores lendas do folclore brasileiro</i> (2012), de A. S. Franchini, e <i>Mitos e lendas do Brasil</i> (2007), do Programa de Ensino e Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG.</p>		
2º MOMENTO:	Carga horária [80] min	Leitura dialogada de um texto com as principais características da tipologia narrativa e dos gêneros lenda e mito.
<p>O professor entregará um material impresso e mediará uma atividade na qual os alunos farão uma leitura compartilhada e dialogada sobre as principais características da tipologia narrativa (Anexo 1 – Texto narrativo, pág. 31) e do gênero lenda e mito (Anexo 2 – Mitos e lendas, pág. 33). A leitura requer o acompanhamento do professor, auxiliando os alunos nas dificuldades que possam surgir no decorrer da leitura, com o vocabulário, ritmo de leitura, dicção e voz. Depois, o professor promoverá uma conversação com os alunos sobre os conteúdos</p>		

e informações presentes nos materiais lidos. Ele tirará as possíveis dúvidas expressas pelos estudantes. Esse material será o suporte para prosseguimento das atividades.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

5 III ETAPA – LEITURA

A leitura é a etapa essencial da proposta de letramento literário, o acompanhamento da leitura (diagnóstico). “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2016, p. 62).

Quadro 4 – 3ª ETAPA - LEITURA

3ª ETAPA - LEITURA		
Carga horária: [240] min.		
Objetivo da atividade: Realizar a apresentação e entrega dos textos para leitura.		
1º MOMENTO:	Carga horária [20] min	Apresentação e entrega dos textos escritos da lenda do Boto-cor-de-rosa e do Mito indígena do sol.
O professor apresentará e entregará aos alunos dois textos impressos com a lenda do Boto-cor-de-rosa (Anexo 4 – A lenda do Boto-cor-de-rosa, pág. 36). e sobre o Mito indígena do sol (Anexo 6 – O mito indígena do sol, pág. 42). Ele dará as orientações aos alunos sobre a próxima atividade.		
2º MOMENTO:	Carga horária [120] min	Realização das leituras dos textos.
O professor coordenará o tempo para que os alunos realizem as leituras individualizadas em sala de aula. Eles farão as anotações pessoais sobre cada leitura para serem compartilhadas com os colegas da turma em outro momento. O professor manterá um ambiente silencioso para esse momento.		
3º MOMENTO:	Carga horária [80] min	Compartilhamento das experiências de leituras.
Nesse momento, o professor conduzirá as apresentações dos alunos sobre as experiências com as leituras realizadas, as anotações e as impressões que ficaram delas. Os alunos serão os protagonistas dessa atividade.		
4º MOMENTO:	Carga horária [20] min	Orientações aos alunos sobre os textos para realização das atividades de releitura, interpretação e compreensão textuais.

Nesse momento, o professor fará as orientações aos alunos sobre os textos lidos para que realizem as atividades de releitura, interpretação e compreensão. Os textos são a lenda do Boto-cor-de-rosa, do livro *As 100 melhores lendas do folclore brasileiro* (2012), de A. S. Franchini, e do Mito Indígena do Sol, do livro *Mitos e lendas do Brasil* (2007), do Programa de Ensino e Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

6 IV ETAPA – INTERPRETAÇÃO

A interpretação é o momento de construção dos sentidos, por meio de inferências que envolvem o autor, o leitor e a comunidade. Para Cosson (2012, p. 64), “a interpretação envolve práticas e postulados numerosos e impossíveis de serem conciliados, pois toda reflexão literária traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários”.

Quadro 5 – 4ª ETAPA - INTERPRETAÇÃO

4ª ETAPA - INTERPRETAÇÃO		
Carga horária: [760] min.		
Objetivo da atividade: Analisar, interpretar e compreender o texto da lenda do Boto-cor-de-rosa e o do Mito Indígena do Sol.		
1º MOMENTO:	Carga horária [40] min	Releitura individual dos textos selecionados.
Nesse momento, os alunos realizarão, individualmente, uma releitura dos textos selecionados fazendo apontamentos e observações. O professor orientará para que eles façam mentalmente o registro das informações bem organizado.		
2º MOMENTO:	Carga horária [60] min	Interpretação com foco em uma visão global dos textos lidos e relidos.
Nesse momento, os alunos farão uma primeira interpretação oralmente dos textos lidos e essa atividade será conduzida pelo professor com foco em uma análise mais geral.		
3º MOMENTO:	Carga horária [20] min	Entrega e orientações sobre a atividade escrita de interpretação e compreensão dos textos selecionados.
O professor fará a entrega do material impresso que contém a proposta de atividade de interpretação e compreensão textual da lenda do Boto-cor-de-rosa. O professor orientará os alunos sobre os procedimentos para realização de uma boa atividade.		

4º MOMENTO:	Carga horária [110] min	Resolução da atividade de interpretação e compreensão do texto a lenda do Boto-cor-de-rosa.
<p>Na sequência, o professor distribuirá o roteiro “Interpretação e Compreensão textual – Lenda do Boto-cor-de-rosa” e os alunos, com a orientação dele, farão suas reflexões escritas seguindo as perguntas formuladas pelo docente. Os alunos farão a leitura do material impresso e a resolução das atividades escritas de interpretação e compreensão do texto da lenda do Boto-cor-de-rosa.</p>		
INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO TEXTUAL – LENDA DO BOTO-COR-DE-ROSA		
Aluno:		
<p>1) O texto acima é:</p> <p>a) () um texto instrucional.</p> <p>b) () um texto poético.</p> <p>c) () um texto narrativo.</p> <p>d) () um texto informativo.</p>		
2) Quando um texto pertence à tipologia narrativa ele precisa apresentar quais elementos em sua composição?		
3) O narrador da lenda do Boto-cor-de-rosa é personagem ou observador? Explique por quê.		
4) Quem é o personagem principal da lenda? Justifique sua resposta.		
5) Segundo a lenda, quem é o Boto-cor-de-rosa?		
6) Escreva as principais características do Boto-cor-de-rosa de acordo com o texto.		
7) Onde o Boto-cor-de-rosa habita?		
8) Em qual lugar o Boto-cor-de-rosa encontra as jovens lindas e donzelas?		
9) Quando o Boto-cor-de-rosa sai do rio?		
10) Em qual região do Brasil há mais botos?		
11) Como ele aparece nas festas?		
12) O que acontece com as mulheres que são seduzidas por ele nas festas juninas?		
13) Quando é que dizem que uma criança é filha do boto?		
14) Segundo o texto, o que as pessoas acham que acontece com quem come a carne do boto?		

<p>15) Por que o boto é considerado o protetor das mulheres?</p> <p>a) () Porque dança muito bem.</p> <p>b) () Porque seduz as mulheres e as engravida.</p> <p>c) () Porque depois da festa ele some e não volta mais.</p> <p>d) () Porque quando uma embarcação naufraga ele evita que as mulheres se afoguem.</p>		
5º MOMENTO:	Carga horária [60] min	Correção compartilhada das atividades.
<p>Nesse momento o professor mediará a correção compartilhada das atividades. Essas atividades serão lidas e respondidas pelos alunos, mantidas ou corrigidas por eles. Quando for necessário, o professor fará as intervenções necessárias para evitar estresses e para validar as respostas corretas e promover a retificação dos possíveis equívocos presentes nas respostas.</p>		
6º MOMENTO:	Carga horária [30] min	Registro do rendimento dos alunos.
<p>O professor, com ajuda dos próprios alunos, fará o registro do rendimento de cada um deles.</p>		
7º MOMENTO:	Carga horária [110] min	Resolução da atividade de interpretação e compreensão do texto o Mito Indígena do Sol.
<p>Os alunos farão a leitura e a resolução das atividades escritas de interpretação e compreensão do texto o Mito Indígena do Sol. Será feita a entrega do roteiro impresso “Interpretação e Compreensão textual – Lenda do Mito Indígena do Sol”.</p>		
<p>INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO TEXTUAL – O MITO INDÍGENA DO SOL</p>		
<p>Aluno:</p>		
<p>1) O texto acima é:</p> <p>a) () um texto instrucional.</p> <p>b) () um texto poético.</p> <p>c) () um texto narrativo.</p> <p>d) () um texto informativo.</p>		
<p>2) O texto o Mito Indígena do Sol é uma narrativa. Que elementos do texto comprovam essa afirmativa?</p>		

3) O narrador do texto o Mito Indígena do Sol é narrador-observador. Explique por quê.		
4) Quem é o personagem principal texto O Mito Indígena do Sol? Justifique sua resposta.		
5) Qual é o nome da madeira muito vermelha que fornecia tinta para os indígenas?		
6) Escreva as principais características do personagem principal do mito de acordo com o texto.		
7) O que os homens e as mulheres faziam quando era sempre dia?		
8) Quem controlava o Sol, a Lua e as estrelas e não permitia que eles se aproximassem?		
9) O que aconteceu quando um homem quis saber como o Sol funcionava?		
10) Quando Mauá lançou-se sobre o homem e o atirou longe, o que houve em seguida?		
11) Mauá conseguiu consertar o Sol?		
8º MOMENTO:	Carga horária [60] min	Correção compartilhada das atividades.
O professor mediará a correção compartilhada das atividades. Essas atividades serão lidas, respondidas, mantidas ou corrigidas pelos próprios alunos. Quando for necessário, o professor fará intervenções.		
9º MOMENTO:	Carga horária [30] min	Registro do rendimento dos alunos.
O professor, com ajuda dos próprios alunos, fará o registro do rendimento de cada um deles.		

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

7 V ETAPA – SARAU LITERÁRIO DE NARRATIVAS MÍTICAS AMAZÔNICAS

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1968), sarau é uma festa noturna, especialmente em casas particulares. Esse conceito pode ser complementado pelo Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras (2008), que conceitua o sarau como reunião cujo objetivo consiste em fazer leitura de textos literários ou apresentações musicais; serão.

Quadro 6 – 5ª ETAPA – SARAU LITERÁRIO DE NARRATIVAS MÍTICAS AMAZÔNICAS

5ª ETAPA – SARAU LITERÁRIO DE NARRATIVAS MÍTICAS AMAZÔNICAS		
Carga horária: [160] min.		
Objetivo da atividade: Realizar um sarau literário de narrativas míticas amazônicas na escola para apresentar e compartilhar os trabalhos desenvolvidos durante a aplicação da proposta didático-metodológica.		
1º MOMENTO:	Carga horária [160] min	Divulgação da proposta didático-metodológica e dos resultados das atividades por meio de um sarau literário na escola.
Nesse momento, o professor, já com todo material da proposta didático-metodológica organizado, e os alunos organizarão e farão o compartilhamento das atividades realizadas pelos estudantes com a comunidade escolar, através de um sarau literário de narrativas míticas amazônicas.		

A aplicação dessa Proposta Didático-metodológica tem potencial para promover um eficiente processo de ensino e de aprendizagem de práticas de leitura de textos literários e promover o letramento literários dos alunos, ampliando sua capacidade leitora, interpretativa, sua aprendizagem e a consolidação do gosto pela leitura literária. Além disso, esse material pode ser utilizado pelos professores de Língua Portuguesa, como base para promover a leitura e o letramento literários dos alunos de outras anos de escolaridade e também pode ser adaptada a partir de outros textos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa Proposta Didático-metodológica sobre “Leitura de narrativas míticas da Amazônia brasileira para fins do letramento literário: uma proposta para o 9º ano do Ensino Fundamental” é o produto de um profundo estudo que teve sua gênese nas observações diárias presenciadas e relatadas por professores de Língua Portuguesa. Está estruturada a partir das dificuldades enfrentadas por docentes ao desenvolverem práticas de leitura dos textos literários e do consequente desenvolvimento do letramento literário dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

No dia a dia da sala de aula, é perceptível que os estudantes apresentam sérias limitações no tocante à leitura literária dos mais diversos gêneros do campo literário, especialmente das narrativas míticas da Amazônia brasileira, mitos e lendas. Isso acontece porque os alunos não têm contato mais presente com textos míticos amazônicos. Os livros didáticos não disponibilizam esses gêneros textuais regionais. A maioria das escolas públicas brasileiras não disponibilizam de livros que contemplem também esses gêneros narrativos. Soma-se a isso o fato de que os professores e os alunos não possuem recursos financeiros suficientes para compras de exemplares desses livros.

As lendas amazônicas apresentam uma estrutura muito rica para um trabalho com narrativas que objetiva despertar no aluno o envolvimento e apreço pela atividade. Foram percebidas, no decorrer da estruturação dessa Proposta Didático-metodológica, as contribuições que a narrativa mítica traz à linguagem oral e escrita. O professor que trabalha com histórias lendárias com seus estudantes abre para seus alunos um universo de fantasia diferente daqueles proporcionados pelas fábulas e conto de fadas. As lendas e os mitos possuem composições que fazem parte da vida do discente, permitindo uma relação de troca entre os elementos reais e os elementos ficcionais presentes na narrativa.

Através dessa Proposta Didático-metodológica pode-se ativar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os textos literários míticos da Amazônia brasileira, especialmente sobre os mitos e as lendas amazônicas. Ainda é capaz de promover o contato, a aproximação e gosto pela cultura amazônica, por meio da identificação de traços identitários dessa cultura presentes nesses gêneros textuais.

Nela também foram desenvolvidas atividades de estímulo e promoção de práticas de leituras de mitos e lendas amazônicas com foco nos aspectos subjetivos

e culturais que os caracterizam. Esse produto final, se bem utilizado, pode também contribuir relevantemente para ampliar a qualidade do ensino de leitura de textos da cultura popular da Amazônia, como também promover o desenvolvimento do letramento literário dos alunos.

Esse material pode proporcionar aos professores de nossa escola e de outras próximas uma reflexão sobre as suas práticas de ensino de leitura literária nas suas aulas, permitindo uma ruptura da tão cristalizada e tradicional forma de promover a leitura literária na sala. Nessa prática, a leitura não passa de um processo de decodificação; e o texto, um pretexto para o ensino e aprendizagem da gramática normativa. O que essa proposta propõe são práticas de leitura que gerem nos alunos questionamentos, estímulos a novas leituras, prazer e gosto pelos textos, exposição de suas impressões e dúvidas e o desejo de se aventurar com novas leituras.

Os professores, como mediadores de leitura literária e principais fomentadores dessa prática que leva os alunos ao letramento literário, devem, em suas ações docentes, oportunizar aos seus alunos atividades coerentes com os objetivos traçados. Eles são capazes de colaborar com o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos, o gosto pela leitura literária e o letramento literário escolar. Para que esse processo seja exitoso, é fundamental valorizar e motivar os alunos a tomarem gosto pela leitura de obras literárias, mostrar que os textos literários podem promover a aprendizagem deles, ampliar os seus conhecimentos de mundo e da sua realidade.

Nesse sentido, a leitura de textos literários pode levá-los para o mundo da criação e imaginação. Esses textos são ficcionais, mas as suas temáticas e cenários estão relacionados com os problemas reais da sociedade. A literatura tem o poder de possibilitar caminhos novos e diferentes para que os alunos possam ver, conhecer o mundo, as suas mazelas e compreendê-los.

O que se pode deduzir dessa Proposta Didático-metodológica é que ela se constitui como instrumento de ensino para os docentes de Língua Portuguesa do 9º do Ensino Fundamental. A partir dela, os professores locais poderão incentivar as práticas de leitura literária tanto das lendas e mitos, como de outros textos literários, com as devidas adaptações para cada gênero textual e ano de estudo.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 2ª. Edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p.1161.

ARAÚJO, Ana Paula. **Mitou ou lenda?** www.infoescola.com.br, 2022.
Disponível em: <https://www.infoescola.com/redacao/mito-ou-lenda/> Acesso em: 30 jan. 2022.

BRASIL, Gabriela. Os ticuna: o povo do alto rio Solimões. Ateliê Amazônico, 2022.
Disponível: <https://ateliemazonico.weebly.com/na-oca/os-ticuna-o-povo-do-alto-rio-solimoes/> Acesso: 25 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1998.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

DIANA, Daniela. **Texto narrativo**. Toda Matéria, 2022.
Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/texto-narrativo/#:~:text=Texto%20narrativo%20é%20um%20tipo,%2C%20conto%2C%20crônica%20e%20fábula>. Acesso em: 5 jan. 2022.

ELE, o boto. Direção: Walter Lima Jr. Produção de Luiz Carlos Barreto e Flávio Ramos Tambelline. Lucy Barreto, Transvideo. 1987. (1h 46m 06s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U66uFZ4KpO0>. Acesso em: 2 mai. de 2022.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Nova Fronteira, 14ª. Edição, 1968.

FRANCHINI, A. S. **As 100 melhores lendas do folclore brasileiro**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FRANCHINI, A. S. **Biografia de A. S. Franchini**. L&P Editores, 2022. Disponível em: <https://www.lpm.com.br/autores> Acesso em: 20 jan. 2022.

GUIA DOS QUADRINHOS. **Boto-cor-de-rosa**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/boto-cor-de-rosa-/23311> Acesso: 20 jan. 2022.

GUIA DOS QUADRINHOS. **Guaraci**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/guaraci/39340> Acesso em: 24 fev. 2022.

INEP. **Sistema de Avaliação Nacional de Avaliação Básica – SAEB, 2003.**
Brasília: INEP/ Ministério da Educação, 2003. Microdados em CD-Room

O BOTO. Direção: Humberto Avelar. Produção Multirio. 2012 (11m27s). Série “Juro que vi”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3v2ZXWF8poo>>. Acesso em: 02/05/2022.

PERCY JACKSON e o ladrão de raios. Direção: Chris Columbus. Produção: Michael Barnathan, Karen Rosenfelt, Mark Radcliffe. Los Angeles, 20th Century Fox, 2010. (118 m). Disponível em:
https://play.google.com/store/movies/details/Percy_Jackson_e_o_Ladrão_de_Raios_Dublado?id=HgdaPLd36Pw&hl=pt_BR&gl=US Acesso: 02 mai. 2022.

SEAPE. **Sistema Estadual de Avaliação de Aprendizagem Escolar, 2022. Acre.**
Secretária de Estado de Educação e Cultura – SEE, 2022.

SEE. Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 2022. Acre. **I Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa – 9º Ano, 2022.** Diretoria de Ensino - Departamento de Educação Básica Divisão de Ensino Fundamental – Anos Finais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, **Mitos e lendas do Brasil.** Belo Horizonte, 2007.

APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO - ALUNOS DO 9º ANO**Dados do Participante**

Idade: _____anos

Sexo: () Masculino () Feminino

Número: _____

1- Quando você era pequeno alguém lia para você?

- a) Sim
- b) Não

2- Quem lia para você?

- a) Pai
- b) Mãe
- c) Avó
- d) Avô
- e) Outros
- f) Ninguém

3- Qual tipo de leitura você costumava ouvir e mais gostava?

- a) Contos de fada
- b) História em quadrinhos
- c) Mitos ou lendas
- d) Narrativas de aventura
- e) Bíblia
- f) Outros

4- Com que frequência as suas professoras costumavam ler em sala de aula para a turma?

- a) Sempre
- b) Às vezes
- c) Nunca
- d) Raramente

5- Você gosta de ler?

- a) Sim
- b) Não

6- Você tem dificuldades para ler?

- a) Sim
- b) Não
- c) Um pouco

7- Com que frequência você lê?

- a) Sempre
- b) Às vezes
- c) Mensalmente
- d) Nunca

8- Qual é a sua leitura predileta?

- a) História em quadrinhos
- b) Contos ou narrativas de aventura
- c) Mitos ou lendas
- d) Material didático
- e) Bíblia

9- Você gosta de literatura?

- a) Sim
- b) Não
- c) Um pouco

10- Você sabe qual é a diferença entre texto literário e texto não literário?

- a) Sim
- b) Não

11- Você sabe o que é literatura?

- a) Sim
- b) Não

ANEXOS

ANEXO 1 - TEXTO NARRATIVO

Daniela Diana

Professora licenciada em Letras

Texto narrativo é um tipo de texto que esboça as ações de personagens num determinado tempo e espaço.

Geralmente, ele é escrito em prosa e nele são narrados (contados) alguns fatos e acontecimentos.

Alguns exemplos de textos narrativos são: romance, novela, conto, crônica e fábula.

Estrutura da narrativa

Apresentação - também chamada de introdução, nessa parte inicial o autor do texto apresenta os personagens, o local e o tempo em que se desenvolverá a trama.

Desenvolvimento - aqui grande parte da história é desenvolvida com foco nas ações dos personagens.

Clímax - parte do desenvolvimento da história, o clímax designa o momento mais emocionante da narrativa.

Desfecho - também chamada de conclusão, ele é determinado pela parte final da narrativa, onde a partir dos acontecimentos, os conflitos vão sendo desenvolvidos.

Elementos da narrativa

Narrador - é aquele que narra a história. Dividem-se em: narrador observador, narrador personagem e narrador onisciente.

Enredo - trata-se da estrutura da narrativa, ou seja, a trama em que se desenrolam as ações. São classificados em: enredo linear e enredo não linear.

Personagens - são aqueles que compõem a narrativa sendo classificados em: personagens principais (protagonista e antagonista) e personagens secundários (adjuvante ou coadjuvante).

Tempo - está relacionado com a marcação do tempo dentro da narrativa, por exemplo, uma data ou um momento específico. O tempo pode ser cronológico ou psicológico.

Espaço - local (s) onde a narrativa se desenvolve. Podem ocorrer num ambiente físico, ambiente psicológico ou ambiente social.

Tipos de narrador

Os tipos de narrador, também chamado de foco narrativo, representam a "voz textual" da narração, sendo classificados em:

Narrador personagem (1ª pessoa) - a história é narrada em 1ª pessoa onde o narrador é um personagem e participa das ações.

Narrador observador (3ª pessoa) - narrado em 3ª pessoa, esse tipo de narrador conhece os fatos, porém, não participa da ação.

Narrador onisciente (3ª, mas também 1ª pessoa) - esse narrador conhece todos os personagens e a trama. Nesse caso, a história é narrada em 3ª pessoa. No entanto, quando apresenta fluxo de pensamentos dos personagens, ela é narrada em 1ª pessoa.

Tipos de discurso narrativo

Discurso direto - no discurso direto, a própria personagem fala.

Discurso indireto - no discurso indireto o narrador interfere na fala da personagem. Em outras palavras, é narrado em 3ª pessoa uma vez que não aparece a fala da personagem.

Discurso indireto livre - no discurso indireto livre há intervenções do narrador e das falas dos personagens. Nesse caso, funde-se o discurso direto com o indireto.

Fonte: DIANA, D. **Texto Narrativo**. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/texto-narrativo/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ANEXO 2 – MITOS E LENDAS

Mito ou Lenda?

Por Ana Paula de Araújo

Lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. Para isso há uma mistura de fatos reais com imaginários. Misturam a história e a fantasia. As lendas vão sendo contadas ao longo do tempo e modificadas através da imaginação do povo. Ao se tornarem conhecidas, são registradas na linguagem escrita. Do latim *legenda* (aquilo que deve ser lido), as lendas inicialmente contavam histórias de santos, mas ao longo do tempo o conceito se transformou em histórias que falam sobre a tradição de um povo e que fazem parte de sua cultura.

Características de uma Lenda:

- Se utiliza da fantasia ou ficção, misturando-as com a realidade dos fatos.
- Faz parte da tradição oral, e vem sendo contada através dos tempos.
- Usam fatos reais e históricos para dar suporte às histórias, mas junto com eles envolvem a imaginação para “aumentar um ponto” na realidade.
- Fazem parte da realidade cultural de todos os povos.
- Assim como os mitos, fornecem explicações aos fatos que não são explicáveis pela ciência ou pela lógica. Essas explicações, porém, são mais facilmente aceitas, pois apesar de serem fruto da imaginação não são necessariamente sobrenaturais ou fantásticas.
- Sofrem alterações ao longo do tempo, por serem repassadas oralmente e receberem a impressão e interpretação daqueles que a propagam.

Mitos, por sua vez, são narrativas utilizadas pelos povos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza que não eram compreendidos por eles. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Todos estes componentes são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram. Um dos objetivos do mito é transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado.

Características de um mito:

- Tem caráter explicativo ou simbólico.
- Relaciona-se com uma data ou com uma religião.

- Procura explicar as origens do mundo e do homem por meio de personagens sobrenaturais como deuses ou semideuses.

- Ao contrário da explicação filosófica, que se utiliza da argumentação lógica para explicar a realidade, o mito explica a realidade através de suas histórias sagradas, que não possuem nenhum tipo de embasamento para serem aceitas como verdades.

- Alguns acontecimentos históricos podem se tornar mitos, desde que as pessoas de determinada cultura agreguem uma simbologia que tornem o fato relevante para as suas vidas.

- Todas as culturas possuem seus mitos. Alguns assuntos, como a criação do mundo, são bases para vários mitos diferentes.

- Mito não é o mesmo que fábula, conto de fadas ou lenda.

Fonte: ARAÚJO, A. P. **Mito ou lenda?**. Infoescola. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/texto-narrativo/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ANEXO 3 - BIOGRAFIA DE A.S. FRANCHINI



Biografia de A.S. Franchini

A.S. Franchini nasceu em 1964, é formado em direito e tradutor. Junto com Carmem Seganfredo escreveu os seguintes livros: *Os irmãos Pitowkers* (Sulina, 1999), *As 100 melhores histórias da mitologia* (L&PM, 2003), *Em mares nunca navegados* (Artes e Ofícios, 2003), *As melhores histórias da mitologia nórdica* (Artes e Ofícios, 2004), *Deuses, heróis & monstros – as asas de Ícaro e outras histórias da mitologia para crianças* (L&PM, 2005), *As melhores histórias da mitologia egípcia* (L&PM, 2006), *Akhenaton e Nefertiti* (L&PM, 2006), *As melhores lendas medievais* (L&PM, 2008) e *As 100 Melhores Lendas do Folclore Brasileiro* (L&PM, 2012).

Ganhou o “Prêmio Açorianos de Literatura – Autor Revelação em Literatura Adulta” (1999)

Fonte: VIDA E OBRA: A. S. Franchini. L&P Editores. Disponível em: <https://www.lpm.com.br> > autores
Acesso: 13 abr. 2022.

ANEXO 4 – A LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA

Boto cor-de-rosa

Esta lenda tem sua origem no boto-cor-de-rosa, um mamífero muito semelhante ao golfinho, que habita a bacia do rio Amazonas.

De acordo com a lenda, um boto cor-de-rosa sai dos rios nas noites de festa junina, quando são comemorados os aniversários de São João, Santo Antônio e São Pedro, a população ribeirinha da região amazônica celebra estas festas dançando quadrilha, soltando fogos de artifício, fazendo fogueiras e degustando alimentos típicos da região.

Com um poder especial, o boto consegue se transformar num lindo jovem vestido com roupa social branca. Ele usa um chapéu branco para encobrir o rosto e disfarçar o nariz grande.

Este desconhecido e atraente rapaz conquista com facilidade a mais bela e desacompanhada jovem que cruzar seu caminho e, em seguida, dança com ela a noite toda, a seduz, a guia até o fundo do rio, onde, por vezes, a engravida e a abandona.

Por isso, as jovens eram alertadas por mulheres mais velhas para terem cuidado com os galanteios de homens muito bonitos durante as festas, tudo pra evitar ser seduzida pelo infalível boto e a possibilidade de tornar-se, por exemplo, uma mãe solteira e, assim, virar motivo de fofocas ou zombarias.

O boto ou Uaiara, também é conhecido por ser uma espécie de protetor das mulheres, cujas embarcações naufragam. Muitas pessoas dizem que, em tais situações, o boto aparece empurrando as mulheres para as margens do rio, a fim de evitar que elas se afoguem, as intenções disso até hoje não são muito conhecidas...

Assim sendo, na região norte do Brasil, quando as pessoas desejam justificar a geração de um filho fora do casamento, ou um filho do qual não se conhece o pai, é comum ouvir que a criança é filha do boto.

Por este fato as pessoas que moram nas comunidades próximas aos rios onde habitam os botos cor-de-rosa não o comem acreditando que ficarão enfeitiçadas por ele pelo resto da vida. Acredita-se também que algumas pessoas que comem a carne do boto ficaram loucas.

ANEXO 5 – OS TICUNA: O POVO DO ALTO RIO SOLIMÕES

Autora: **Gabriela Brasil**

Os Ticuna constituem a **maior população indígena** do Brasil na Região Amazônica. Também vivem nas faixas de fronteira do país com o Peru e a Colômbia. A história dessa população é marcada por grandes conflitos com os seringueiros, madeireiros e pescadores da região do Rio Solimões e com outros povos vizinhos como os Omáguas.



Imagem: museu do índio

Dos conflitos seculares até o domínio do Alto Rio Solimões

Um dos primeiros escritos que citam os Ticuna é datado no início do século XVII no livro “Novo Descobrimento do Rio Amazonas” do autor Cristobal Acunã, no qual, em uma das passagens da obra, comenta os confrontos entre os Ticuna, os Cruina e os Omáguas.

“Mantêm estas tribos, por uma e por outra margem do rio, contínuas guerras com os povos vizinhos que, pelo lado do sul, são, entre outros, os Curina tão numerosos, que não apenas se defendem, pelo lado do rio, da grande quantidade dos Água, como também sustentam armas, ao mesmo tempo, contra as demais nações que por via terrestre os atacam constantemente. Pelo lado norte os Água têm como inimigos os Tecuna que, de acordo com boas informações, não são inferiores aos Curina nem em número nem em brio, já que também sustentam guerras com os inimigos que têm terra adentro” (ALCUNÃ, 1994).

Desde o início da tentativa de colonização Espanhola até a conquista definitiva da região por Portugal no século XVIII, havia grandes disputas entre os países pelo domínio do **Alto Solimões**. Os Omágua, povo conhecido por serem grandes guerreiros, participavam desses conflitos, ocasionando por pouco em seu extermínio,

além de, também, contraírem doenças em contato com os não indígenas. Assim, os Ticuna foram cada vez mais ocupando esse espaço.

No final do século XIX, a Região Amazônica se tornou o centro de **empreitadas econômicas** com a popularização da extração do látex das seringueiras e a comercialização da borracha. Durante esse período, os Ticuna foram forçados a trabalhar intensamente para os seringueiros, estes vindos, em sua maioria, do Nordeste. Para atingirem seus objetivos os “patrões da borracha” dispersavam e separavam os indígenas de suas moradias tradicionais, as malocas, nas quais, moravam juntos todos os membros do mesmo clã. Dessa forma, a distribuição dos grupos indígenas nos seringais, ao longo do Rio Solimões, otimizava a produção.

Em 1940, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), órgão da administração federal, intensificou sua atuação na área do Alto Rio Solimões. Assim, em 1942 foi criado um posto em Tabatinga, administrado pelo inspetor **Carlos Pinto Correia**. A consequência disso foi a diminuição da exploração realizada pelos seringueiros sobre os indígenas Ticuna. A demarcação das terras desse povo ocorreu em 1992 e, a partir daí, diversos grupos que viviam em outros territórios indígenas se motivaram a viver nas terras Ticunas, reaproximando-se de seu povo, de sua história e cultura. Suas aldeias foram construídas nas regiões de igarapés, distanciando-se dos não indígenas e de seu modo de vida mercantil. Com isso, ao viverem próximos aos igarapés, a fiscalização da pesca predatória tornou-se mais eficaz.

Organização política e social

Na sociedade Ticuna, há uma divisão em duas metades exogâmicas, ou seja, só se pode casar com um membro da outra metade. Além disso, em cada metade existem **vários clãs**, identificados com nomes de animais terrestres, plantas e insetos em uma metade, e na outra, as nações são chamadas por nomes de aves. O povo Ticuna é constituído por uma sociedade patrilinear. Nela, o pertencimento de um clã é passado de pai para filho. Caso haja o desrespeito à exogamia, o indivíduo será submetido a punições públicas, mas não necessariamente será excluído das atividades sociais.

Os mais velhos das aldeias Ticuna contam que no passado as nações guerreavam entre si por melhores territórios. Cada maloca era comandada por um líder chamado **Tó-u**, sendo sua autoridade respeitada por ser identificado como aquele que defendia seu povoado dos inimigos. Era conhecido como chefe de guerra

e também por ser muito forte, ao ponto de não trabalhar na roça ou pesca pois sua força o atrapalhava. Porém, com a chegada dos seringueiros pondo fim à **formação das malocas**, o papel dos *Tó-u* não tinha mais sentido, ocupando, então, seu lugar os Tuxauas, indígenas designados pelos chefes dos seringais a liderarem os grupos. Um novo tipo de liderança atualmente é o líder do grupo vicinal. Seu reconhecimento é estabelecido a partir de suas ideias irem de acordo com a vontade do grupo, além de saber dialogar com os não indígenas e possuir experiência.

Atividades Produtivas

Os Ticuna cultivavam espécies locais como macaxeira, cará, espécie de cana de açúcar e outros tubérculos. A pesca, antigamente, não era uma das principais atividades exercidas por eles, pois sua alimentação era baseada na carne de caça. Porém, após se deslocarem e se consolidarem nas **áreas de várzea**, passou a ser uma de suas principais fontes produtivas. A pesca é realizada pelos homens, individualmente. Já a caça, atividade tradicional, hoje não é tão recorrente, sendo os macacos as presas mais procuradas. Há a criação de animais como galinhas e porcos, porém, não é tão comum. As mulheres ficam encarregadas do artesanato e da arte da olaria como peneiras, colares, pacará (cesto com tampa) e o tipiti (ferramenta utilizada para espremer massa de mandioca) e também pelos trabalhos nas colheitas.



Imagem: Jussara Gruber

Língua

A língua Ticuna é falada nos territórios do Brasil, Colômbia e Peru, por mais de 30.000 falantes. Há mais de 100 aldeias espalhadas pelos municípios brasileiros como Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do

Içá, Jutai, Fonte Boa, Tonantins, Beruri). A língua do povo Ticuna é a **predominante nas aldeias**, quase não sofrendo influência das cidades vizinhas. Tampouco sofre influência por parte dos raros habitantes que falam outras línguas, entre eles os Kaixana e os Kokama, que na verdade, necessitam usar a língua Ticuna. É caracterizada como uma **língua tonal**, ou seja, uma mesma palavra pode ter diferentes significados. Também é considerada uma língua isolada, possuindo diversas complexidades na sua fonologia e sintaxe.

Artes

As artes criadas pelos Ticuna demonstram a forte capacidade de um povo que a tanto tempo resiste e que continua resistindo contra aqueles que tentam apagar sua identidade. Os materiais artísticos e literários são variados: máscaras cerimoniais, bastões de dança esculpidos, pintura em entrecascas de árvores, as estatuetas zoomorfas, cestaria, cerâmica, tecelagem, colares com pequenas figuras esculpidas em tucumã, além da música e das tantas histórias. Os Ticuna detêm o conhecimento dos tipos de plantas com pigmento e sua extração para tintas. Ao todo são **15 espécies de plantas** utilizadas para a pigmentação de bolsas, cestos, esculturas, peneiras, instrumentos musicais, remos, cuias e o próprio corpo. Além disso, uma raiz muito utilizada na superfície dos objetos artesanais e até mesmo na superfície do corpo é a **matü**, nome utilizado também em referência à iniciação da escrita na escolarização. Há também a técnica da tecelagem, mais usada pelas mulheres, sendo uma arte que exige muita atenção, conhecimento e experiência, assim como a confecção de cerâmicas. Desta maneira, ao longo dos séculos, após o contato com os não indígenas, a arte Ticuna continua com suas características tradicionais, se aperfeiçoando esteticamente, principalmente os artefatos que são postos à venda.

Educação

Há mais de 20 anos atuando em áreas extensas pelos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins, na região do alto rio Solimões, a **Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB)**, criada em 1986 e formalizada juridicamente em 1994, tem se tornado grande referência aos professores Ticuna e aos professores de povos de outras regiões como os Cocama e os Caixana. A organização proporciona projetos e programas de educação bilíngüe (português e Ticuna), além de destinar cursos de

especialização em educação indígena. Os cursos estão presentes no Centro de Formação de Professores *Ticuna-Torü Nguepataü*, na aldeia de Filadélfia (Benjamin Constant), com **481 professores indígenas** matriculados nas diferentes modalidades. A OGPTB luta, assim como diversas organizações indígenas, pelo reconhecimento da legislação de educação escolar indígena do Alto Rio Solimões, pois, apesar do total descaso do governo, os membros dessa organização, por meio da mobilização e da persistência, ainda conseguem superar os obstáculos para fornecer educação e autonomia aos Ticuna e outros povos indígenas.



Imagem: Taquiprati

Fonte: BRASIL, G. **Os ticuna:** o povo do Alto Rio Solimões. Ateliê Amazônico, 2020. Disponível em: <https://ateliamazonico.weebly.com/na-oca/os-ticuna-o-povo-do-alto-rio-solimoes> Acesso em: 18 abr. 2022.

ANEXO 6 – O MITO INDÍGENA DO SOL

MITO INDÍGENA DO SOL

Índios Tucuna, Vale do Rio Solimões, Amazonas

Antigamente, muito antigamente, no tempo em que vivia entre os Tucuna, o Sol era um moço forte e muito bonito.

Por ocasião da festa de Moça-Nova, o rapaz ajudava sua velha tia no preparo da tinta de urucu. Ia à mata e trazia uma madeira muito vermelha, chamada muirapiranga.

Cortava a lenha para o fogo onde a velha fervia o urucu para pintar os Tucuna.

A tia do moço era muito mal humorada, estava sempre a reclamar e a pedir mais lenha.

Um dia o Sol trouxe muita muirapiranga e a velha tia ainda resmungava insatisfeita. O rapaz resolveu então que acabaria com toda aquela trabalhadeira. Olhou para o fogo que ardia, soltando longe suas faíscas. Olhou para o urucu borbulhante, vermelho, quente.

Desejou beber aquele líquido e pediu permissão à tia que consentiu:

- Bebe, bebe tudo e logo, disse zangada.

Ela julgava e desejava que o moço morresse. Mas, à medida que ia bebendo a tintura quente, o rapaz ia ficando cada vez mais vermelho, tal qual o urucu e a muirapiranga. Depois, subindo para o céu, intrometeu-se entre as nuvens. E passou desde então a esquentar e a iluminar o mundo.

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, **Mitos e lendas do Brasil**. Belo Horizonte, 2007.